

Europa num beco sem saída

Os sistemas de Educação europeus, antiquados e com recursos insuficientes, não respondem às necessidades da nova geração

Na maior universidade da Europa, com 150.000 alunos, as aulas são dadas em tendas de circo porque não há dinheiro para reparar as salas de aulas degradadas. Isto não tem importância para Immacolata Curinga, com mestrado em Educação e Psicologia. «Tão poucos de nós parecem aptos a arranjar emprego que até podíamos simplesmente não ter feito a universidade». Aos 27 anos ela sobrevive como «babysitter» a tempo parcial, recebendo seis euros por hora.

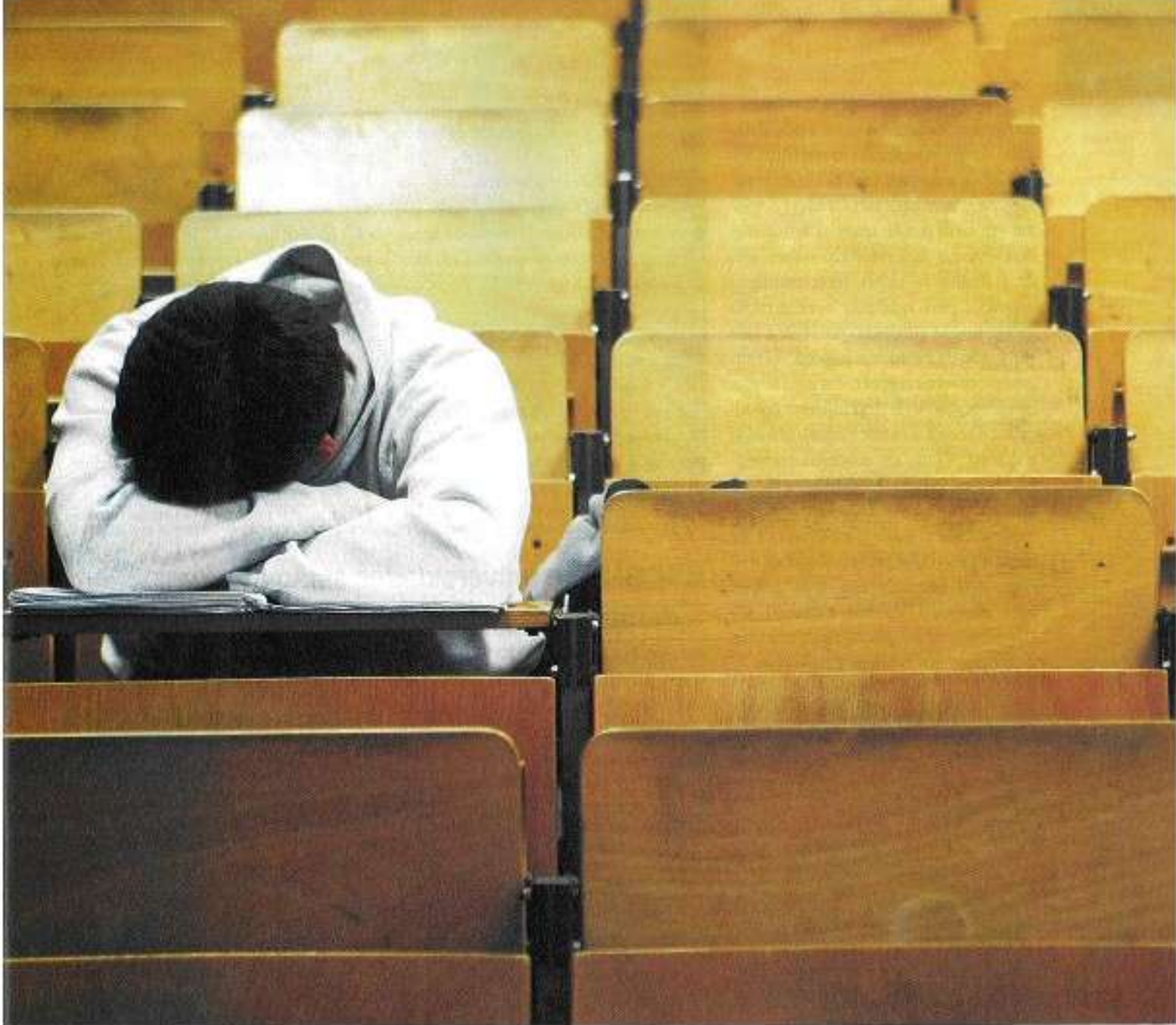
É a vida em La Sapienza, a Universidade de Roma. Para que não se pense que se trata de uma aberração, visitemos a Escola Rütli, em Berlim, onde não são só as paredes que estão a cair. Situada num dos bairros turco-árabes mais pobres da capital, nada menos do que 83% dos alunos não fala alemão como língua materna. Nesta famosa

«Hauptschule» (escola secundária), os estudantes têm pouca ou nenhuma esperança de encontrar um emprego ou qualquer outro meio de acesso à sociedade dominante. Brigitte Pick, a antiga reitora, diz que, no ano passado, nem um único diplomado conseguiu emprego ou sequer um lugar de estagiário. Em Março, os professores assinaram um apelo unânime para que a escola seja desactivada. «Já não sabemos o que fazer», escreveram. «Tem algum sentido concentrar estudantes numa escola onde não têm perspectivas?»

Apesar de separados por um abismo de geografia, de classe e de etnia, estas são janelas para uma Europa que não está a dar resposta à sua geração mais jovem. À medida que o mundo passa rapidamente de uma economia baseada no trabalho e na indústria para uma impulsionada pelo conheci-

mento e pela inovação, os sistemas de educação na Europa não conseguem acompanhar o ritmo. Sabe-se que as universidades sem recursos e excessivamente burocratizadas do continente europeu produzem poucos diplomados, muitas vezes com conhecimentos desactualizados. Menos bem conhecido é o facto de muitos países europeus, apesar do seu discurso de igualdade social, impedirem oportunidades de educação e promoção social. Se é terrível desperdiçar cérebros, o que fazer com La Sapienza ou com a Escola Rütli?

A autora de um relatório publicado há poucas semanas pelo Centre for European Reform de Londres concluiu que um «terrível mal-estar» educacional se apoderou do ensino superior na Europa. A maioria das suas melhores universidades está «claramente na



segunda divisão», diz o estudo, facto agravado pelo «êxodo de talentos académicos». A crítica seguiu-se a uma visita de inspecção em Fevereiro pelo Comissário dos Direitos Humanos da ONU, Vernor Muñoz Villalobos, que censurou a Alemanha por manter muitos dos seus imigrantes enfiados em escolas de terceira categoria. Mas podia ter dito o mesmo da França, da Espanha ou da Holanda, onde as chamadas «escolas negras» se tornaram sinónimos de miséria, insucesso escolar e violência. Se isso não fosse suficiente, um estudo feito recentemente pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económicos (OCDE) concluiu que os imigrantes de terceira geração na Alemanha e em muitos outros países têm um desempenho escolar pior do que os seus pares da segunda geração — uma tendência alarmante que

contradiz o movimento de ascensão social da imigração.

Na Europa o mal-estar na educação não é só sobre tornar um pouco mais inteligentes os trabalhadores de amanhã. Nem como conseguir seguir o passo dos concorrentes estrangeiros no mercado global. Pelo contrário, é sobre a manutenção do tecido social europeu. Sem economias pujantes e imbuídas de conhecimento, todos os fundamentos do moderno Estado-Providência europeu se desmoronam. As escolas e universidades já estão a formar demasiados estudantes nativos e imigrantes, que vão directamente para as listas dos subsídios de desemprego — uma explosão de custos que ameaça reventar com os orçamentos da Europa e sufocar ainda mais as suas economias. Nesta Primavera, os estudantes universitários

BERLIM Um estudante da Universidade de Freie adormece na sala de aulas. Segundo estimativas, os problemas educacionais na Alemanha reduzem o índice de crescimento em 0,9%

franceses, assustados com a possibilidade de não encontrarem trabalho, espalharam pelo país um cheiro de revolução. Os seus protestos a nível nacional também paralisaram as tentativas do Governo para reformar o mercado de trabalho — talvez uma condição essencial para qualquer revitalização da economia europeia. Junte-se a isto a questão da crescente população imigrante, com os respectivos problemas de integração e de desemprego epidémico, e temos a receita para um longo e quente Verão de descontentamento. Motins violentos voltaram a incendiar há poucas semanas os guetos de imigrantes em Paris e a Europa vê de novo o preço que terá de pagar se não conseguir oferecer aos seus jovens uma melhoria da sua situação sócio-económica e conhecimentos que lhes permitam arranjar empregos.

Os números contam parte da história. Nos três níveis de educação — primária, secundária e universidades — a América e o Japão gastam substancialmente mais do que a Europa, de acordo com os números da OCDE para 2005. Só para as universidades, os Estados Unidos canalizam 2,6% do PIB, comparado com 1,1% na Alemanha, Itália e França. No ano passado estes três países foram mesmo ultrapassados pela Turquia. Na mais recente classificação mundial das principais instituições de investigação, compilada por Jiao Tong da Universidade de Xangai, apenas nove instituições de

ra os «três grandes», que são os motores da economia europeia. A Prova A é a Alemanha. Outrora uma potência na Formação Profissional e na Educação, hoje ocupa a 20.ª posição entre os 30 países da OCDE nos conhecimentos de Matemática e da língua, e a 23.ª em número de licenciados.

No centro do problema encontramos sistemas de educação que parecem ter parado noutra era. Na França e Alemanha, burocratas em ministérios gigantescos administram meticulosamente programas escolares, orçamentos e tarefas de pessoal. A Áustria, Bélgica, Alemanha e Holanda man-

Escolas e universidades estão a formar demasiados nativos e imigrantes que vão para as listas dos subsídios de desemprego

têm sistemas escolares do século XIX que dividem crianças com apenas 10 anos de idade em escolas de níveis diferentes, que em nada contribuem para cimentar as suas futuras carreiras. Cursos menores, como é o caso dos ministrados nas «Hauptschulen» alemãs, proporcionam apenas uma educação muito rudimentar. Cerca de dois terços das crianças alemãs de origem turca são desviadas depois do quarto ano para as «Hauptschulen» ou para escolas para deficientes, ou simplesmente desistem de estudar. Não surpreende assim que o número de crianças imigrantes em cursos de formação profissional tenha caído de 9,4% em 1994 para 5,6% em 2004, apesar de a sua percentagem global ter aumentado 27%. Prevendo-se que os imigrantes formem um terço da população escolar em 2020, países como a Alemanha enfrentam uma bomba-relógio social e económica, se não reformarem a sua prática pedagógica.

O desperdício de talento, tempo e recursos é espantoso. A taxa de abandono escolar é em média de 10% nas «Hauptschulen» alemãs e uns terríveis 60% nas universidades italianas. Muitas destas crianças aterram directamente no colo do Estado social. Na Alemanha, a Agência Federal do Trabalho tem 960.000 «clientes» com menos de 25 anos e gasta seis mil milhões de euros só em programas de

ensino superior da Europa se classificaram entre as 50 primeiras, a maioria delas eram do Reino Unido. Menos de um quarto da população activa da Europa tem nível universitário, comparado com os 38% nos Estados Unidos e 36 no Japão. Estudo após estudo, da OCDE ou de outros, mostram que o sucesso escolar no secundário estagnou ou está em queda. Os problemas são particularmente graves pa-



PROTESTO Dos estudantes na La Sapienza, a Universidade de Roma. Para muitos, não há qualquer hipótese de finalizarem a sua formação académica e são poucas as oportunidades de trabalho

Grã-Bretanha, tanto os conservadores na oposição como os próprios trabalhistas se opuseram, acabando por fixar como limite máximo de propina anual um montante relativamente modesto de 3.000 libras. «É absurdo», diz Michael Burda, professor de Economia na Universidade Humboldt de Berlim. «O dinheiro do financiamento público esgotou-se, mas ao mesmo tempo proibimos as universidades de o arranjar».

O facto de ter sido preciso mais de uma década de debates e litígios para as universidades alemãs serem autorizadas a cobrar propinas no montante de apenas 500 euros por semestre testemunha bem como tem sido dolorosamente lento o ritmo de mudança. As verbas não atingirão sequer uma média de 16 milhões de euros por universidade. Os políticos falam em criar universidades de «elite», mas recusam-se a autorizar admissões selectivas. Depois do caso da Escola Rütli se tornar público, os políticos exigiram

tudo, desde bonificações salariais para professores das «Hauptschulen» até uma nova legislação criminalizando a «recusa de integrar». Tudo o que evitasse falar do elefante no meio da sala: que o sistema de segregação educacional é ineficaz e cruel.

Na verdade, as autoridades educacionais esforçam-se muitas vezes por fugir a estes problemas. A França, por exemplo, ordenou que fossem suprimidos dados do relatório da OCDE que mostram que as diferenças de aproveitamento escolar entre as escolas dos bairros ricos e dos mais pobres (na maioria habitados por imigrantes) são 60% mais elevadas do que nos Estados Unidos, referindo «deficiências» nos métodos de estudo. Os ideais franceses de «égalité» (igualdade) fa-

poucas e hesitantes. A Holanda retirou as escolas do controlo governamental em 2000, dando-lhes mais competências para tomar decisões. A França canalizou verbas extraordinárias para as escolas com mau desempenho e uma nova franqueza surgiu nos estudos recentes sobre o aproveitamento de imigrantes — dando azo ao veredicto do professor Georges Felouzis de Bordéus, em 2005, de que existia um «apartheid académico» para descrever a segregação étnica nas escolas do país.

As pressões também são exercidas pelas empresas à medida que a educação se torna numa questão económica. O gigante alemão de produtos químicos BASF, que há mais de 30 anos faz exames aos formandos que che-

A IBM patrocina 'Escolas de Fim-de-Semana' em bairros pobres de Amesterdão para levar crianças imigrantes a carreiras fora do gueto

zem com que seja ilegal identificar estudantes por raça ou origem étnica — tornando virtualmente impossível avaliar a integração educacional. A Itália é um dos muitos países que não tem qualquer sistema de exames e avaliação, portanto nenhuma escola tem possibilidade de dizer qual o seu desempenho. Durante 25 anos, os ministros de Educação alemães impediram as escolas de participarem em testes internacionais, depois de um estudo realizado em 1970 ter mostrado que os estudantes alemães tinham menos aproveitamento do que se esperava. Ainda hoje, os burocratas não permitem que os investigadores tenham acesso às informações mais recentes por receio que identifiquem e envergonhem publicamente as escolas com elevado insucesso escolar.

Há uma outra via. A Finlândia, considerada pela OCDE como tendo o melhor sistema de educação do mundo, enfrentou muitos destes problemas na década de 1960 (ver texto na página 40). Os outros países escandinavos também alardeiam os melhores sistemas escolares do mundo. As principais universidades britânicas têm classe mundial. Contudo, noutros lugares as reformas têm sido

gam, queixou-se recentemente de que os conhecimentos básicos tinham decaído claramente. No Bijlmer de Amesterdão e noutros bairros pobres, a IBM e outras empresas patrocinaram uma rede de «Escolas de Fim-de-semana» para orientar crianças imigrantes para carreiras fora do gueto. Na Universidade de Potsdam, o multimilionário do «software» Hasso Plattner financiou um instituto informático de elite, que integra uma incubadora para empresas de capital de risco de estudantes. Esse tipo de parceria empresas-universidades, que desempenha um papel primordial no talento empresarial e científico da América, falta lamentavelmente na Europa. Contudo, até agora estas mudanças não foram ao núcleo dos problemas. «Nenhum destes países está a fazer um debate estratégico sobre onde querem estar daqui a dez anos», diz Andreas Schleicher, da OCDE. Nem parecem dispostos a lidar com as verdadeiras causas do mal-estar. Se isso não mudar, o futuro da Europa será sombrio. ^U

*Com Barbie Nadeau, em Roma, e Tracy McNeol, em Paris
Exclusivo *Expresso/Newsweek*
Tradução de AIDA MACEDO



SUCESSO Candidatos a médicos congratulam-se com o final da licenciatura em Harvard, uma das mais prestigiadas universidades americanas